

Interseccionalidade nas Ciências Sociais

Autora: Ilane Cavalcante Lobato Alves da Silva

2º semestre/ 2017

Texto Teórico

A sociedade é composta por diferentes tipos de agrupamentos e organizações. A partir dessas partes podemos compreender como ela se estrutura e que tipo de relações existem entre esses agrupamentos. O estudo dessa forma de organização social permite explicar as diferenças, desigualdades e hierarquias existentes na sociedade, se utilizando do conceito de marcadores sociais da diferença (NUMAS, 2017).

Marcadores sociais da diferença são compostos por raça, gênero, sexo, idade, classe, deficiência etc. e a articulação dessas categorias, por meio de uma abordagem interseccional, que compreende a análise das relações sociais em sua complexidade e pretende pensar como tais marcadores estão articulados na prática social, é algo relativamente novo na produção acadêmica, com muitas literaturas em língua inglesa e francesa (GUIMARÃES, 2003; HIRATA, 2014; MACEDO & MARIANO, 2015).

Hirata (2014) apresenta o conceito de interseccionalidade como algo que entende a interdependência das relações do poder, quando tratamos de marcadores sociais como classe, raça e gênero. É um conceito que surgiu a partir da



movimentação de mulheres dentro do feminismo, entendendo a necessidade de estabelecer um movimento feminista negro. Dessa forma, questões que não eram abordadas dentro do feminismo branco ganhavam força para serem discutidas e combatidas. Esse movimento teve como foco a interseccionalidade entre raça e gênero, principalmente. Portanto, a abordagem interseccional possui o objetivo de considerar as diferentes fontes das identidades e as conexões entre ela, de maneira transdisciplinar e integrada, como forma de combater múltiplas opressões e sendo instrumento de luta política.

Macedo e Mariano (2015) falam da importância da análise interseccional, que permite o entendimento da complexidade das produções de desigualdades sociais, assim como visibiliza os movimentos de resistência, permitindo uma visão completa das lógicas produtoras das formas de privilégio e de opressão e também dos movimentos de resistência, opostos a essas lógicas.

Guimarães (2017) estabelece uma análise da intersecção entre raça e classe que aponta o desenrolar histórico da questão. Ele apresenta a ideia difundida no início do século XX sobre a democracia racial, tendo como principal difusor o teórico Gilberto Freyre. Segundo essa concepção, a miscigenação ocorrida no Brasil como parte de uma política de embranquecimento da população faria com que não sofressemos com o racismo, sendo as discriminações sendo pautadas somente por diferenças de classe.

Essa ideia, chamada de democracia racial, permaneceu forte até a década de 1960, quando o trabalho dos sociólogos revisionistas, como Florestan Fernandes passou a encarar essa informação como um mito. A partir dessa época, voltou-se a utilizar o termo 'raça', como um conceito nativo, ou seja, que tem sentido no mundo social, mas não na biologia (COSTA, 1999; GUIMARÃES, 2003, 2014). O mito da democracia racial, entretanto, é presente até os dias atuais, mascarando as práticas racistas em nossa sociedade.

As classes sociais por si só já exprimem uma relação de poder, umas sobre as outras. As classes mais baixas são marginalizadas e as pessoas que as compõem sofrem com vulnerabilidade, discriminação, violência, entre outros problemas. Porém quando se analisa classes sociais é necessário entender quais características os indivíduos que as compõem possuem. A raça, no Brasil, é um fator determinante para o entendimento do funcionamento das classes sociais.



Desde o período colonial o negro é colocado à margem da sociedade. Com o fim da escravidão estes se tornaram homens livres sem acesso ao mercado de trabalho, ampliando sua marginalização. Fatores como a criminalização de suas práticas culturais e a exclusão social contribuíram mais ainda para a piora da situação (COSTA, 1999).

O negro na sociedade brasileira, portanto, carrega essa história de escravidão e exclusão, sofrendo ainda com os reflexos dos anos do período colonial. Dessa forma, ele ocupa as camadas mais baixas da população e traz pra sociedade demandas específicas, como o combate ao racismo e a necessidade de políticas de ações afirmativas.

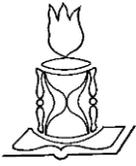
Para compreender a complexidade da realidade dos negros e negras no Brasil é essencial que se pense em uma abordagem interseccional, que relacione, no mínimo, raça e classe.

Outro tipo de abordagem interseccional fundamental para compreender as hierarquias sociais e discriminações, é a que relaciona raça e gênero.

Gênero é uma categoria que corresponde à ideia social do pertencimento a um gênero específico, não sendo definido pelo órgão sexual. Esse conceito carrega consigo uma hierarquia socialmente imposta, onde homens sempre detém mais poder do que as mulheres, portanto é uma categoria que expressa relações de poder.

O feminismo foi um movimento que garantiu e garante direitos às mulheres, como o direito ao voto, ao divórcio, à liberdade de seus corpos, ao acesso à educação, ao direito reprodutivo etc. Porém o feminismo teve sua história como a representação das mulheres brancas. A partir da movimentação de mulheres negras, que passaram a reivindicar um feminismo que abarcasse também as opressões específicas das pertencentes a essa raça, surge o feminismo negro, importante concepção para a luta por direitos e para o início da abordagem interseccional.

Foi dentro do movimento Black Feminism, nos Estados Unidos da América, que a abordagem interseccional passou a ser discutida. Kimberlé Crenshaw foi a pioneira nesse processo, no início dos anos 1990 (GUIMARÃES, 2014; HIRATA, 2014; KERNER, 2012). Essa abordagem objetiva uma análise das hierarquias sociais de modo que leve em consideração as múltiplas fontes das identidades.



Com a intersecção entre as opressões de gênero e de raça, é possível compreender a realidade vivida pelas mulheres negras, mas também outras análises podem ser feitas, como a violência policial e penal sofrida por homens negros, a inserção nos sistemas de ensino para mulheres e homens negros, etc.

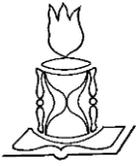
A abordagem interseccional é uma forma epistemológica holista de conceber as perspectivas individuais e coletivas e a forma como elas são imbricadas. É uma forma teórica de compreender como se dão as relações sociais, assim como suas relações de discriminação, subordinação, exercício de poder, exploração, entre outras, com um modelo causal inter relacionando diversas variáveis (GUIMARÃES, 2014).

Hirata (2014) apresenta dois tipos de interseccionalidade: a estrutural, com a intersecção entre raça e gênero, analisando violências sofridas por mulheres negras nas relações conjugais; e a política, que trata das políticas feministas e das antirracistas que marginalizam a violência sofrida pelas mulheres negras.

A autora salienta também que o enfoque interseccional não consiste somente no reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão, mas estabelece as relações necessárias para compreender sua interação na produção e reprodução de desigualdades.

Kerner (2012) trata das relações entre racismo e sexismo e comenta sobre três dimensões importantes para compreender intersecções: a dimensão epistêmica, que corresponde a discursos, saberes, símbolos e imagens; a dimensão institucional, que consiste nas formas institucionais que produzem estruturas de hierarquização e discriminação; e a dimensão pessoal, que são as atitudes, identidades, ações individuais e interações pessoais. Essas três dimensões são fundamentais para analisar os arranjos sociais existentes na produção das hierarquias e desigualdades sociais, já que cada uma delas apresenta um significado diferente para as opressões.

Como visto acima, as produções acerca da abordagem interseccional são recentes e estão ganhando maior visibilidade agora na década de 2010. Os trabalhos no campo das Ciências Sociais com essa abordagem estão ganhando em número e em qualidade a cada ano e há, inclusive, aqueles que não se dizem interseccionais como pressuposto, porém fazem análises levando em conta distintas formas de opressão e explicam as hierarquias sociais a partir de abordagens transdisciplinares



que consideram as diferentes identidades dos atores sociais estudados. Para uma maior compreensão e incorporação sobre o funcionamento, na prática, de um pensamento segundo a abordagem da interseccionalidade, sugiro que siga com a execução do repertório didático, onde novas informações serão pensadas e trabalhadas.



Referências

COSTA, E. V. Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. Cap.9: mito da democracia racial no Brasil.

GUIMARÃES, A. S. A. Racismo e anti-racismo no Brasil. Novos estudos Cebrap n. 43, 1995.

_____. Como trabalhar com “raça” em sociologia. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1.pdf>>. Acesso em 12 nov 2017.

_____. Sociologia e natureza: classes, raças e sexos. Document de travail du Mage, v. 18, p. 209-228, 2014. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/246857/mod_resource/content/1/Sociologia%20e%20natureza.pdf>. Acesso em 12 nov 2017.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e Consustancialidade das relações sociais. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. junho, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/84979/87743>>. Acesso em 12 nov 2017.

KERNER, I. Tudo é interseccional? Sobre as relações entre racismo e sexismo. Tradução de TAVOLARI, B. Novos Estudos, n. 93. Julho, 2012. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3975104/mod_resource/content/1/KERNER_Tudo%20e%CC%81%20interseccional%3F%20Sobre%20a%20relac%CC%A7a%CC%83o%20entre%20racismo%20e%20sexismo.pdf>. Acesso em 17 nov 2017.

MARIANO, S. A. & MACÊDO, M. S. Desigualdades e interseccionalidades: deslindando a complexa trama das hierarquias e agenciamentos. Mediações, Londrina, V. 20 N. 2, P. 11-26, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Asus%20Master/Downloads/24123-108416-1-PB.pdf>>. Acesso em 17 nov 2017.